

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E SUICÍDIO: PENSANDO IMPLICAÇÕES A PARTIR DA ESQUIZOANÁLISE

Nicole Pieroni Machado – UNEDUVALE – nicole.machado@ead.eduvaleavare.com.br

Mario de Oliveira Neto – UNEDUVALE – mario.neto@ead.eduvaleavare.com.br

Marília Alves dos Santos – UNEDUVALE – marilia.santos@ead.eduvaleavare.com.br

ÁREA: Ciências Humanas.

RESUMO

A prática esquizoanalítica não se reduz à entrevista, à avaliação ou ao diagnóstico psicológico, afastando-se de procedimentos pautados em lógicas de captura, normalização e adaptação. Este trabalho tem como objetivo refletir teoricamente, a partir da esquizoanálise, sobre a avaliação psicológica em contextos de suicídio, propondo cinco vetores de fuga, entendidos como pistas-movimentos, que oferecem formas alternativas de compreender o sofrimento psíquico, distanciando-se de interpretações reducionistas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, fundamentada em Gilles Deleuze e Félix Guattari, com contribuições de Suely Rolnik e Domenico Hur. Os resultados indicam que a teoria esquizoanalítica rompe com a tradição biomédica e neoliberal, que sustenta a categorização clínica e a normalização de comportamentos considerados indesejados, presentes em muitos instrumentos de avaliação em saúde mental e ideação suicida. Em contrapartida, Deleuze e Guattari propõem uma ética da escuta que acompanha linhas de fuga, devires e afetos, potencializando modos de existência alternativos e desestabilizando identidades fixas. Conclui-se que a psicologia pode tanto ampliar a compreensão do fenômeno quanto contribuir para seu silenciamento, quando restrita a uma visão patologizante que reforça a lógica de adaptação do sujeito a um sistema que o adoce. Ao adotar uma perspectiva crítica, entretanto, o psicólogo pode criar espaços para a invenção de caminhos em que a vida se torne possível e desejável, abrindo-se à potência dos afetos e à transformação das experiências subjetivas.

PALAVRAS-CHAVE: Esquizoanálise; Avaliação psicológica; Desejo; Linha de fuga; Suicídio.

INTRODUÇÃO

A avaliação psicológica (AP), prática regulamentada e amplamente utilizada em diferentes contextos, pode ser entendida como uma produção institucionalizada, apoiada em códigos técnicos e éticos, com funções de enunciação, regulação e estratificação ao definir critérios de normalidade, ajuste e aptidão (Hur, 2021b). Com o passar do tempo, contudo, nota-se uma mudança importante nas técnicas psicológicas: o foco deixa de estar apenas

em diagnosticar e normalizar e passa a se concentrar em intervenções que buscam estimular, aprimorar e aumentar a produtividade, valorizando o potencial do corpo mesmo quando ele se desvia da norma (Hur, 2021b).

Em contraste com a lógica de regulação e produtividade, a esquizoanálise propõe outros modos de semiotização, rompendo com os procedimentos clássicos da psicologia, como a entrevista clínica, a avaliação ou o psicodiagnóstico. O que ocorre nesse processo é uma política dos afetos, que busca analisar as linhas que compõem a subjetividade, relacionando o sofrimento psíquico e as queixas vividas com as redes sociais e produtivas das quais fazemos parte (Sabino, 2020). Como proposta teórico-política e clínica, a esquizoanálise se fundamenta em uma prática materialista e imanente, voltada à criação de novas formas de subjetivação em ruptura com a normatização do sujeito, convidando-nos a agir e intervir não apenas na esfera macro, mas, sobretudo, nas micropolíticas ativas (Rolnik, 2018).

Diante disso, busca-se articular tais reflexões com o cenário contemporâneo do suicídio, considerado pela OMS (2022) um grave problema de saúde pública, responsável por mais de 700 mil mortes anuais (Brasil, 2022). Compreender o sofrimento extremo apenas em termos individuais ignora os efeitos da “axiomática imanente do capitalismo” (Deleuze & Guattari, 2011, p. 332), que organiza vidas segundo produtividade e eficiência. Essa problematização aponta para a necessidade de um deslocamento no modo de ler o sofrimento psíquico, de forma a captar fluxos de desejo e linhas de fuga do sujeito, situando suas experiências nos contextos sociais e produtivos que as atravessam.

Assim, este trabalho tem como objetivo refletir teoricamente, a partir da esquizoanálise, sobre a avaliação psicológica em contextos de suicídio, propondo cinco vetores de fuga, entendidos como pistas-movimentos, que oferecem formas alternativas de compreender o sofrimento psíquico, distanciando-se de interpretações reducionistas.

MATERIAL E MÉTODO

O presente estudo se sustenta teoricamente a partir de uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa e caráter exploratório, conforme explicado por Gil (2002). A abordagem pós-estruturalista de Deleuze e Guattari constitui o cerne deste estudo, ao tensionar documentos institucionais e normativos sobre avaliação psicológica e prevenção do suicídio à luz da esquizoanálise. Entre os documentos analisados, destacam-se as diretrizes do

Conselho Federal de Psicologia (Brasil, 2022), a Lei nº 13.819/2019 (Brasil, 2019), o Guia Viver a Vida (Brasil, 2024), a Escala de Ideação Suicida de Beck (Brasil, 2025) e o DSM-5 (Associação Americana de Psiquiatria, 2014). Para aprofundar a análise, o estudo também incorporou as contribuições de Suely Rolnik (2018), que aproxima a esquizoanálise da prática clínica no contexto brasileiro e contribui para ampliar as perspectivas críticas da subjetividade, e de Domenico Hur (2021), que propõe cinco vetores de fuga para deslocar o desejo capturado, ideias reinterpretadas aqui para o campo da avaliação psicológica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o objetivo de embasar intervenções, a AP busca, de maneira estruturada e dentro de um processo técnico-científico, compreender o sujeito por meio da coleta, interpretação e análise de informações (Brasil, 2022). No contexto do suicídio, diversos instrumentos são ser utilizados. Um exemplo é a Escala de Ideação Suicida de Beck, ferramenta validada que organiza o sofrimento em categorias como ideação, planejamento e impulsividade (Brasil, 2025). O DSM-5 também atua como ferramenta que, na prática clínica e institucional, estrutura os transtornos mentais e relaciona condições como depressão, transtorno bipolar, uso de substâncias e experiências traumáticas a riscos de comportamento suicida (Associação Americana de Psiquiatria, 2014).

Nas políticas públicas de prevenção ao suicídio, a Lei nº 13.819/2019 atribui ao Estado o controle de fatores de saúde mental e a criação de sistemas de notificação e análise de comportamentos suicidas (Brasil, 2019), enquanto o Guia Viver a Vida recomenda a restrição de meios letais, o acompanhamento de pessoas em risco e a divulgação responsável na mídia (Brasil, 2024).

Embora esses documentos sejam importantes para as políticas de saúde, uma leitura esquizoanalítica mostra que eles operam dentro de uma lógica biomédica, centrada na categorização clínica, na normatização de condutas e na gestão do risco. A esquizoanálise, por sua vez, problematiza essa abordagem ao propor considerar, de forma simultânea, a produção desejante molecular e a produção social molar (Deleuze & Guattari, 2011, p. 446).

A captura do desejo e a produção de subjetividades esgotadas constituem dimensões centrais da lógica do capitalismo, que funciona como uma máquina de captura, absorvendo e redirecionando os fluxos de desejo, transformando potenciais subversivos em “zumbis” úteis e reconduzindo as fugas esquizofrênicas à razão dominante (Deleuze &

Guattari, 2011, p. 445). Nessa perspectiva, a ideia de instinto de morte não é considerada. A autodestruição não é vista como um fenômeno natural ou biológico, mas como consequência do esgotamento do desejo, provocado pela captura e subordinação às máquinas sociais (Deleuze & Guattari, 2011, p. 446).

Dessa forma, defende-se uma abordagem que acompanha e potencializa linhas de fuga, pensada como uma cartografia das forças que atravessam o sujeito, identificando os fluxos de desejo e suas capturas sociais, e abrindo espaço para práticas ético-políticas comprometidas com a produção da vida, muito mais voltadas a “efetuar o processo, e não estancá-lo, não fazê-lo girar no vazio, não lhe dar uma meta” (Deleuze & Guattari, 2011, p. 505-506).

Hur (2021^a) oferece uma reflexão sobre formas de resistência e transformação, propondo movimentos que estimulam a vida diante das forças de controle. O primeiro movimento consiste em compreender o sofrimento não como uma falha ou disfunção individual, mas como expressão de forças desviadas, silenciadas ou capturadas. No contexto da AP, os afetos são rapidamente transformados em sintomatologias, associados a transtornos mentais e tratados por meio de protocolos de risco. A proposta, neste caso, é tensionar essa captura, afirmando que esses afetos não são desvios a serem corrigidos, mas potências que denunciam formas de vida insuportáveis, podendo, dessa forma, “criar novos agenciamentos, aparelhagens, máquinas” (Hur, 2021^a).

O segundo movimento propõe que toda atuação deve partir do território, distante da padronização de respostas baseadas em manuais universalizantes que ignoram marcadores como raça, classe, gênero e condição material. Romper com isso exige recusar essa universalização e afirmar que não há sofrimento sem contexto. A atuação é ética na medida em que se inscreve no lugar, na história e nos atravessamentos do sujeito, “assim, não devemos esquecer do potencial revolucionário de nosso território latino-americano” (Hur, 2021^a).

O terceiro movimento valoriza o *occursus*, o encontro entendido como acontecimento e não como entrevista guiada por roteiro. Trata-se de sustentar a escuta como um campo de imprevisibilidade e criação, em que o que emerge não serve para encaixe, mas para abertura. A proposta consiste em recusar a pressa por conclusões, a captura da palavra e a imposição de sentidos, afirmando o encontro como fissura na lógica do controle. “O encontro deve ser capaz de produzir potências e não poder” (Hur, 2021^a).

O quarto movimento convoca a atenção ao infinitamente pequeno. Em oposição à busca por sinais evidentes que validem o risco ou o transtorno, propõe-se uma escuta das intensidades mínimas: lapsos, gestos, silêncios e repetições. Subverter esse gesto significa revalorizar o detalhe como potência. Cartografar o imperceptível é devolver à escuta sua dimensão estética e política, construindo clareiras de transformação que fogem à lógica do resultado, pois “cada expressão de forças ativas, de fluxos desejantes, já é uma vitória, num momento em que a governamentalidade atual prega o contrário: tristeza, medo e impotência” (Hur, 2021^a).

O quinto movimento destaca a importância de fomentar devires e afetos. Apostar no devir é também apostar em afetos que desestabilizam identidades fixas e ampliam modos de existência, deslocando a escuta de uma prática que cristaliza diagnósticos para outra que acompanha transformações. Assim, cria-se espaço para que o sujeito não seja reduzido ao que é, mas ao que pode vir a ser: “um fluxo entre, que provoca uma brecha no ser para outras configurações, promovendo uma ligação entre distintos corpos” (Hur, 2021^a).

Esses gestos não oferecem um “manual alternativo” à concepção hegemônica de avaliação psicológica, mas indicam vetores possíveis de resistência às forças de captura. Embora cada gesto do psicólogo ocorra no nível micro, suas implicações atravessam fluxos sociais e institucionais, oferecendo pequenas fissuras que podem reverberar na organização maior do desejo e do sofrimento, configurando uma micropolítica de resistência.

CONCLUSÃO

Sob a perspectiva esquizoanalítica, pode-se considerar que a AP ainda opera predominantemente dentro de uma lógica de controle, produtividade e captura do desejo, principalmente quando seus instrumentos segmentam características como ansiedade, desesperança e depressão, adotando uma abordagem que minimiza a complexidade do fenômeno e reforça a manutenção da vida a qualquer custo, sem necessariamente assegurar sua qualidade ou o desejo por ela.

Os movimentos propostos na esquizoanálise exigem o abandono da pretensão de neutralidade científica e técnica na psicologia, isso não significa rejeitar a técnica, mas reconhecer que seu uso está sempre imbricado em valores, interesses e efeitos políticos. Embora não constituam uma AP radicalmente alternativa, tais movimentos apontam para o avaliador como agente de resistência e potencializador de linhas de fuga.



CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EDUVALE

ISSN 26755734

20 a 24 de outubro de 2025 – Avaré/SP

Esse deslocamento implica um reposicionamento do psicólogo, que passa a atuar como cartógrafo das forças que atravessam o sujeito, atento às condições materiais, institucionais e afetivas que configuram o sofrimento. Mais do que um gesto ético, trata-se de um compromisso contínuo com a crítica e a transformação das condições de existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. **Cartilha de Avaliação Psicológica**. Brasília: CFP, 2022. Disponível em: < <https://site.cfp.org.br/publicacao/cartilha-avaliacao-psicologica-2022/> >. Acesso em: 21 maio 2025.

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. **Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos – SATEPSI**. Brasília: CFP, 2025. Disponível em: <<https://satepsi.cfp.org.br/>>. Acesso em: 21 maio 2025.

BRASIL. Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019. **Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 26 abr. 2019. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13819.htm>. Acesso em: 15 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Viver a Vida: guia de prevenção ao suicídio para profissionais da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia** [1972]. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

FIOCRUZ. **Estudo aponta que taxas de suicídio e autolesões aumentam no Brasil**. Portal Fiocruz, 2024. Disponível em: <https://fiocruz.br/noticia/2024/02/estudo-aponta-que-taxas-de-suicidio-e-autolesoes-aumentam-no-brasil>. Acesso em: 21 maio 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

HUR, Domenico Uhng. **Produção de vida em tempos de morte: cinco movimentos esquizoanalíticos**. Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, v. 7, n. 2, p. 95-113, 2021a. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/18379>. Acesso em: 21 maio 2025.

HUR, Domenico Uhng. **Psicologia, política e esquizoanálise**. Campinas: Alínea, 2021b.



CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EDUVALE

ISSN 26755734

20 a 24 de outubro de 2025 – Avaré/SP

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Suicide worldwide in 2019:** global health estimates. Geneva: WOH, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643>. Acesso em: 21 maio 2025.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N1 Edições, 2018.

SABINO, Tuhany de Oliveira. **Clínica esquizoanalítica em debate.** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, 2020. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_14663_Disserta%E7%E3o%20Tuhany%20Sabino%20-%202023.07%20definitiva.pdf. Acesso em: 10 agosto 2025.